



Os Princípios da Doutrina Espírita

O Espiritismo busca reformar o mundo espiritual com uma filosofia clara, escorada no pedestal dos fatos. Por essa razão Kardec a definia como uma doutrina filosófica que tem conseqüências religiosas; uma filosofia espiritualista.

Seu papel é modificar as leis terrenas que estiverem em contraposição às leis divinas; é retificar os erros da História; é, entre nós, corrigir as falhas do Cristianismo; é apresentar o que disse o Cristo, escoimando os Evangelhos daquilo que mãos profanas ou interessadas lá encaixaram; é eliminar o mercantilismo, o interesse material, a ganância, as fórmulas desnecessárias e quase sempre caras, os abusos em nome de Deus, a salvação por dinheiro, por oblatas, por sacrifícios, pelos ritos, por cerimônias inúteis; e ainda mais, as lutas cruentas, as contendas, as rivalidades, as guerras, os instrumentos de guerra; as distinções entre os seres, o espírito bélico, os sentimentos de ódio.

Ele vem lembrar aos homens que os últimos serão os primeiros; que quem muito sobe, de muito alto pode cair; que, em vez de censurar as faltas alheias, pensemos nas nossas; que a ambição corrói a alma como uma triaga; que o desejo ansioso pelos primeiros postos e a conservação neles por vaidade e não pelo desejo de servir, e não por sacrifício, ou com sacrifício próprio, prejudica os postos ocupados, os ocupantes e a Causa; que o verdadeiro domínio do homem é o domínio sobre si mesmo; que o que nos leva à felicidade é o altruísmo, assim como o egoísmo leva ao infortúnio, e quanto mais velarmos pelos outros mais a Providência velará por nós; que aquilo que recebermos de graça, de graça deveremos dar.

O mais interessante seria dar tudo de graça; seria mesmo sublime; mas nem sempre no-lo permitem as condições da vida e as deficiências pecuniárias da maioria. Mas, à proporção que os homens se forem desligando dos laços materiais e voltando as vistas para o Alto; à proporção que forem socorrendo o próximo, menos necessidades terão; os bens lhes não farão falta ou serão facilmente alcançáveis, e então, a cornucópia da fortuna fará derramar sobre eles, misteriosamente, o seu precioso conteúdo. Aí é que se poderá compreender a graça divina. Mas graça não é favor, é recompensa. O Alto não dá, retribui.

A inveja, a desonestidade, o ódio devem ser expungidos completa e absolutamente de nossos corações.

A hipocrisia é uma das maiores falhas do caráter e uma das maiores imperfeições do espírito. Lembremo-nos que há no Evangelho ensinamentos imorredouros; um deles é o combate a esse estigma das almas atrasadas. E o Cristo, que tão complacente por vezes se mostrava com as falhas dos sentidos corporais, com os arrastamentos materiais, com as chamadas fraquezas da carne, era de grande veemência quando apostrofava os hipócritas. E os Espíritos vêm batendo constantemente na mesma tecla: fugi da hipocrisia, sede sempre sinceros, que a sinceridade é virtude de grande preço.

O maior dos princípios é a caridade: Fora da caridade não há salvação.

Essa caridade abrange os pensamentos, as palavras e as ações a favor de quem sofre, de quem necessita. É todo o bom sentimento projetado sobre alguém. Não é só a esmola, essa forma primitiva da caridade, mas o socorro àquele que está em qualquer perigo, social, econômico, material, efetivo. É o desejo de beneficiar; é o bem que se pratica, sob qualquer forma, de qualquer espécie, em qualquer meio, para qualquer indivíduo, seja qual for a necessidade. É o bem que fazemos, é o bem que desejamos, é o que queremos prestar, embora não o possamos. Uma simples lágrima vertida por uma pessoa que sofre é uma caridade, aparentemente inútil, mas que, cedo ou tarde, desabrochará em flores e se encherá de frutos. É o amor em toda a sua florescência.

Foi esta a principal mensagem trazida a Allan Kardec.

* * *

Toda a nossa desventura provém de nós mesmos; os nossos males são oriundos de nossas imperfeições. Não há má vontade do Senhor para conosco: há atraso nosso, e a perfeição se consegue através das vidas sucessivas.

Por maior que seja a inteligência, por mais alto que atinja o gênio, eles não contribuirão para a melhoria do nosso destino, se o mal predominar sobre o bem, se mantivermos o escalracho que não nos deixa vicejar. As faculdades intelectuais terão grande valor no progresso do ser, mas é necessário que venham acompanhadas das faculdades morais.

A lei civil pouca influência terá se não nos submetermos primeiramente à lei moral. A questão social não dependerá tanto de formas do governo como da reforma dos homens.

A compreensão de um governo, obrigando-nos ao cumprimento das leis do país, é que faz a nossa submissão; logo, porém, que ela afrouxe, por qualquer motivo, ou possa ser



iludida, ou desapareça, a criatura voltará aos impulsos primitivos e agirá de acordo com as suas tendências, os seus sentimentos. Só, portanto, a melhoria moral poderá trazer a ordem e o cumprimento da lei. A imposição deverá vir de dentro para fora; deve partir do indivíduo e não da coação externa, das imposições sociais.

Longe estaremos ou estará a doutrina de impedi-las ou censurá-las. Elas, infelizmente, se tornam ainda imperiosas para obstar à desordem, à infração, ao crime. Bem sabemos, entretanto, como são precárias, desde que a horda de malfeitores se torna irreprimível; desde que campeia a iniquidade, o abuso, a prevaricação, a maldade; desde que vivemos, mesmo nas cidades que se dizem policiadas, numa intranquilidade constante, vítimas de desordeiros e ladrões, em perpétua vigilância, para evitar as ciladas; em perene ameaça de morte, sujeitos à ação dos facínoras, os marginados de qualquer espécie, dos que roubam bens e mulheres, contra os quais não temos garantia nem defesa, e que assassinam estupidamente e barbaramente o pacato cidadão, descuidados da penalidade divina e muitas vezes confiantes na impunidade humana.

Basta que inspecionemos o cadastro da polícia e leiamos o noticiário dos jornais para nos certificarmos de que o crime anda à solta e a polícia amarrada. Nas prisões já não cabe mais ninguém e a justiça parece que está cansando. Como se vê, há casos e ocasiões em que a aparelhagem estatal se torna inútil ou deficiente.

Quando o indivíduo estiver reformado não serão necessárias as instituições, as leis severas, a engrenagem policial; o indivíduo se dirigirá por si próprio; o lema de sua conduta será aquele que há muitos séculos já se achava esculpido no pórtico do direito romano: *neminem loedere, suum cuique tribuere, honeste vivere* – não prejudicar a ninguém, dar a cada um o que lhe pertence, viver honestamente.

“Quando o homem for bom – diz a doutrina – fará boas as instituições, que serão duráveis, porque ele tem interesse em sua conservação.”

A questão social não terá o seu ponto de partida na forma desta ou daquela instituição, mas no adiantamento moral dos indivíduos e das massas. Aliás, o adiantamento destas será a consequência do adiantamento daqueles.

Quem procura o seu adiantamento e se esforça por consegui-lo está achando o caminho do seu progresso e evitando o acervo de dores necessárias àquele melhoramento, dores que se impõem quando o indivíduo é rebelde ao ensino moral e persevera no erro, com

uma contumácia que seria de espantar, se não fosse inacreditavelmente profunda a ignorância humana.

Com referência ao indivíduo que procura aquele melhoramento, diz Kardec:

“Além da satisfação da consciência, estará livre das misérias materiais e morais, resultado das imperfeições; terá calma, porque as vicissitudes pouco o prejudicarão; terá saúde, porque os excessos não o esgotarão; será rico, porque o pouco lhe satisfaz; terá paz porque não desejará o impossível.”

Em síntese, poderemos dizer que todas as angústias que afligem o homem, por sua ambição, por desejos incontidos, pela sede de riquezas, de posição, de glória, de fama; pela inveja ou pelo rancor; pela intolerância ou quaisquer paixões estiolantes; todos esses sentimentos perturbadores não o abalarão se ele não os possui; se já se acha indene dessas máculas; seguirá, então, tranqüilo a sua rota, sabendo que terá o que merecer e que por suas virtudes receberá, mais cedo ou mais tarde, as recompensas a que fizer jus e que caberão, iniludivelmente, aos que pautarem a vida nos limites, ainda que penosos, da lei moral.

É engano acreditar nos poderes exagerados do saber; é ele de muita importância, não há dúvida; já o dissemos e nunca é demais repetir; sua importância é grande em nossa ascensão evolutiva, mas não é a essencial; pouco adiantará à nossa tranqüilidade se a ele não aliarmos os princípios do bem. O bem e o saber devem caminhar paralelamente, e se este se avantajarem muito àquele, maiores serão os prejuízos que os benefícios, porque, quanto maior o conhecimento, maiores as responsabilidades.

O fim capital de todo o movimento espírita é o estabelecimento de dois princípios fundamentais, os quais, por si só, trarão a felicidade humana: a solidariedade e a paz.

Solidárias as criaturas, ligadas pelo sentimento comum do bem, desejosas de se ampararem mutuamente, anelando cada um para o outro aquilo que quer para si; isentos todos de sentimentos de hostilidade, de belicosidade, de ambições injustificáveis, de egoísmo, possuindo, antes, a noção do respeito à liberdade, aos direitos alheios, a paz se estabelecerá como um efeito imediato, como uma consequência natural. E então a felicidade se estenderá por toda a face do orbe e ele subirá na categoria dos mundos, perdendo a lamentável classificação de mundo de provas.

É preciso ter da bondade e da justiça divinas uma idéia que não se desminta. Por certo, um deus atrabiliário, que distribui dores e alegrias por acaso, a seu bel prazer; que condena “sem qualquer forma de processo” e premia sem nenhum motivo plausível; que cria



felizes e infelizes, de acordo com a fornada, não nos daria a idéia do Criador como no-lo pintam as religiões – magnífico na sua soberana justiça e na sua soberana bondade.

O Espiritismo, justificando as desigualdades, explicando a razão das dores, apresentando os motivos da imensa variedade na sorte; fazendo-nos compreender as leis gerais da evolução, a que estão submetidos todos os corpos e todos os seres, leis que regem assim a matéria como o espírito, é que nos apresenta Deus como ele é ou deve ser, sem as deformações com que o vem pintando a humanidade.

É preciso restituir Deus aos nossos corações.

O Espiritismo, além de ser o mais poderoso elemento de moralização, conduz-nos às regiões espirituais de que nos vêm afastando as idéias errôneas e absurdas que possuímos a respeito da divindade. Além de tudo, não pára obstinadamente no erro, como se dá com as religiões. Demonstrado um engano, não tratará de o assegurar, ou, na melhor das hipóteses, de o contornar de qualquer forma, como acontece com os sofistas; terá que retirá-lo, emendá-lo ou abandoná-lo. O errado é que não pode subsistir.

Em suma: o Espiritismo, marchando com o progresso, nunca ficará à retaguarda, porque acolherá as verdades donde elas surgirem.

Os Espíritos anunciam que chegaram os tempos marcados pela Providência para uma universal manifestação e que, sendo eles os ministros de Deus e os agentes de sua vontade, têm por missão instruir e esclarecer os homens, abrindo uma nova era para a regeneração da Humanidade.

Foi essa a razão das mensagens dadas a Allan Kardec, é essa a finalidade do Espiritismo.

(IMBASSAHY, 1988, p.64)

Texto Extraído da Fonte:

IMBASSAHY, Carlos. **A Missão de Allan Kardec**. Departamento de Difusão Doutrinária. Federação Espírita do Paraná. Curitiba, 1988.